



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Caim', de José Saramago]

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, "[Recensão crítica a 'Caim', de José Saramago]", *Colóquio/Letras*, n.º 173, Jan. 2010, p. 212-215.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

---

## FICÇÃO

José Saramago

CAIM

São Paulo, Companhia das Letras / 2009

Em *Caim* reencontramos o narrador saramaguiano de velha cepa — imaginoso, mordaz e irónico — que certamente incomodará os judeus, assim como no *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) incomodou os cristãos, ainda que estes não tenham sentenciado o escritor à morte a exemplo do que ocorreu a Salman Rushdie pelos versos satânicos em torno do Alcorão. Sem muito interferir na(s) letra(s) do Antigo Testamento, Saramago dedica-se a reinterpretá-lo com imaginação e humor, sem poupar a verve ferina e, por vezes, desabrida, com que passa um bom recado aos homens de hoje, herdeiros de uma cultura que combina, há séculos, religião e violência. Na verdade, ao apontar para o substrato da civilização ocidental, Saramago acerta na religiosidade belicista que domina actualmente parte do mundo muçulmano.

É um romance curto, do tamanho de uma novela (172 páginas), que pode ser lido de um jacto graças ao fascínio das fábulas bíblicas retomadas por um narrador aliado de um Caim errante, que abandona o *Génesis* e cai literalmente em vários episódios em visita a diferentes «presntes» do Livro Sagrado. De figura maldita a herói de romance, Caim assiste e vivencia cenas ao lado de actantes bíblicos, a testemunhar os acontecimentos com a argúcia e a liberdade de pensamento de que se serve o autor para conduzir a sua ficção, melhor dizendo, a sua metaficção, da qual é mestre incontestável.

Lá reencontramos a arte narrativa no manejo do tempo ficcional como poderosa ferramenta para a revisão crítica da História dos homens, seja a profana, seja a sagrada, de que são exemplos os soberbos

romances da década de 80, nomeadamente o *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) e a *História do Cerco de Lisboa* (1989). Lá nos deparamos com alguns procedimentos costumeiros do autor: o título justo e forte que destaca o renegado pecador; a delicada dedicatória à Pilar, homenagem indirecta às personagens femininas desta e de outras obras; a ironia fina sob a epígrafe extraída de um falso *Livro dos Disparates*; o ritmo encadeado em vírgulas, que horizontaliza democraticamente todas as vozes da narrativa; enfim, as alusões metalinguísticas, as marcas da auto-referencialidade e as interpelações ao leitor, todas muito oportunas e bem-humoradas, dando graça, leveza e sabor à narrativa.

Há algumas novidades bem-vindas: os capítulos estão confortavelmente numerados; os nomes próprios perdem as arrogantes e antropocêntricas maiúsculas iniciais; e a prosa está mais escorregada, indo directa ao ponto sem mastigações ou circunlóquios barroquizantes. Mas a melhor inovação — e *leitmotiv* do romance — é a contundente crítica à violência do autoritarismo que se esconde sob o manto sagrado da religião. De novo a questão do ópio do povo? Sim, Saramago traz à tona o velho Marx, tão fora de moda nos tempos actuais, para denunciar a obediência imposta aos homens pelo discurso religioso que ardilosamente os «educa» para o acatamento passivo dos ordenamentos político-militares, como bem indicia a expressão bíblica aplicada ao Senhor: «deus dos exércitos» (p. 102).

Ainda sem a companhia de Caim, que está para nascer, o narrador começa a história pelo Paraíso, quando busca entender o pecado original que «nunca ficou bem explicado» (p. 12), deixando «um irritante pedaço de maçã que não sobe nem desce» na garganta de Adão e de todos os homens até hoje. Se a princípio o bondoso

Deus — sempre grafado *deus*, em minúsculas — foi o Pai que presenteou o casal com o umbigo e «a língua [empurrada] garganta abaixo» (p. 9), depois da falta cometida Ele transforma-se num tirânico padraço, irado, enciumado e temeroso de uma segunda desobediência. Expulsa as suas criaturas para evitar que tomem «do fruto da árvore da vida» e vivam eternamente, como vemos na dicção irónica do narrador: «não faltaria mais, dois deuses num universo, por isso te expulso a ti e a tua mulher deste jardim do éden» (p. 18). Uma vez repudiados e cobertos das peles que o Senhor arranjava com «um simples estalar de dedos, como um prestidigitador» (p. 21), cabe à corajosa Eva obter comida junto de Azael (*sic*), anjo zelador dos portões de Éden, enquanto sofrem fome e sede numa terra de cardos e espinhos, até que sejam recolhidos por uma caravana. Não são eles os únicos seres criados por Deus, enigma que nem mesmo o anjo sabe explicar já que «os desígnios do senhor são inescrutáveis» (p. 27), fórmula que se repetirá comicamente ao longo do romance (p. 35, 135) para assinalar o autoritarismo que não admite contestações pois «o senhor lá terá as suas razões» (p. 27).

Caim nasce para contrapor-se a esta regra porque não entende os motivos que levam Deus a recusar a sua oferta de frutos da terra (hoje diríamos, biológica ou orgânica) e a preferir o sangue do cordeiro derramado por Abel. Saramago despreza a exegese cristã que vê aí uma antecipação do sacrifício de Cristo e reinterpreta o crime de Caim a partir da inimizade instalada entre os irmãos por culpa do Senhor: «Foi então que o verdadeiro carácter de Abel veio ao de cima» (p. 33) e, na posição cimeira de eleito de Deus, passou a tripudiar sobre o irmão, daí advindo o assassinio que decorrera, não da inveja de Caim, mas da sua raiva impotente contra o arbítrio e a injustiça divina: «Sim, é verda-

de, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti», defende-se ele diante do Senhor numa argumentação dialéctica que acaba num acordo secreto entre ambos. Diante das lacunas do texto bíblico, e tal como fizera em textos históricos, o autor utiliza certamente outras versões, amparado na confortável consciência de que está a fazer o que muitos já fizeram em relação aos textos sagrados, que convivem com inúmeras variantes apócrifas votadas ao segredo e ao esquecimento oficial, frequentemente por questões políticas.

«Caim rige el mundo», assim diz Leopold Szondi no início do seu livro *Caim y el cainismo en la historia universal* (trad. Federico Soto Yarritu, Madrid, Biblioteca Nueva, 1975), chamando a atenção para o facto de que a maior parte da História Universal está constituída pela eterna repetição da violência contida na história de Caim. Refere-se a uma lenda que coincide em parte com a versão de Saramago na qual Caim assim se explica diante de Deus: «Es certo que he sacrificado a mi hermano, pero Tú fuiste quien puso el mal instinto en mí; Tú eres el guardián de todo lo creado y me dejaste que matara a Abel, es más, Tú eres el que ha matado a Abel, pues si hubieras acogido mis dones como los suyos nunca se hubiera despertado em mí la envidia» (*Ebenda*: XIV. 5 S. 145. Quellen S. 356 Midrasch Tanchuma, Bereschith § 9, *apud* Szondi, p. 24).

Segundo Szondi, entre as muitas versões compiladas por estudiosos, há uma que faz do crime um acto de legítima defesa de Caim e outras que levantam razões diferentes para o homicídio, como a disputa pelas possessões, pelos lugares sagrados (lugares de oferta, vale dizer, Jerusalém) e pela posse sexual das irmãs gémeas dos irmãos. Curiosamente existe no Alcorão uma fala de Abel sobre a rejeição da oferta de Caim dada a sua falta de temor a Deus — «Mira, Allah solo acep-

ta lo de los temerosos de Dios» (*apud* Szondi, p. 32) —, o que corrobora a interpretação de que o pecado de Caim foi a sedição e o questionamento da Autoridade, pois pecado maior que este não existe para a implantação de uma religião e de um novo deus. Na verdade Saramago retoma uma tradição anterior à demonização de Caim e à idealização do seu irmão, operada por Philo, judeu neoplatónico do século I d. C. que foi adoptada pela Igreja como base da sua ética e com a intenção de prefigurar Cristo na imagem de Abel.

Resta uma questão enigmática: diante de um crime tão horrendo, por que perdoo Deus o sedicioso Caim e o acompanha eternamente? A resposta de Saramago é a de que Deus é cúmplice. Por outro lado a morte de Abel teria satisfeito o apetite sanguíneo de Deus e amortizado a sua ira sobre Caim, pois aprendemos com René Girard (*La Violence et le Sacré*, Paris, Brenard Grasset, 1972) que o sacrifício é ao mesmo tempo uma coisa santa e um crime. No fim do romance esta forçosa cumplicidade conduzi-los-á a destinos paralelos pautados por uma discórdia infinita.

A narrativa prossegue com a peregrinação de Caim no território de Nod (terra da errância), quando se dá a sua iniciação sexual e amorosa com Lilith, a primeira mulher do mundo que, antes de Eva, havia enfrentado corajosamente o Senhor. Ao longo de dois capítulos, o leitor deleita-se com uma intensa história de amor erótico com direito a liberdades até então contornadas na prosa de Saramago. Aqui se revê a habitual recusa do patriarcalismo, assim como a justificação da libertação sexual feminina. Apesar dos benfazejos desfrutes, semelhantes aos de Ulisses na ilha de Ogígia, o herói prossegue em seu destino e «cai» no episódio do sacrifício de Isaac, interferindo directamente na acção desarrazoada de Abraão sobre o filho, movido

por cega obediência a Deus. A voz narrativa não mede palavras para vociferar contra a violência do patriarca que, em vez de mandar «o Senhor à merda», ludibria os criados e o filho, «Quer dizer, além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso, pronto a enganar qualquer um com a sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traiçoeira, pérfida, alevosa, desleal e outras lindezas semelhantes» (p. 79). Além da acusação directa e da ironia metalinguística que dão impacto e humor ao texto, Saramago serve-se fartamente do cómico de formas, gestos, carácter e acção para produzir o riso ao referir-se à soberba de Deus e à subserviência dos seus súbditos humanos e angelicais. O diálogo imaginado pelo narrador entre «o frustrado verdugo e a vítima salva in extremis» (p. 81) pela mão expedita de Caim — pois o Anjo chegara atrasado em virtude de «um problema mecânico na asa direita» (p. 80) — é uma contestação das religiões que justificam a matança pela fé sob as ordens de deuses irracionais: «Queres dizer que o senhor enlouquece as pessoas, perguntou isaac, Sim, muitas vezes, quase sempre, respondeu abraão» (p. 82).

Na versão de Saramago, a inveja e o ciúme de Deus explicam o episódio da torre de Babel sob a hipótese de que a confusão entre as línguas teria sido um expediente para desunir os homens e impedi-los de construir a torre ou fosse lá o que quisessem que lhes permitisse alcançar o Céu e ameaçar mais uma vez a exclusividade divina. A revisitação ao episódio de Sodoma e Gomorra serve para mostrar a injustiça de Deus que sacrifica inocentes, além de apontar para a sua teimosia em «punir a curiosidade [da mulher de Lot transformada em estátua de sal] como se se tratasse de um pecado mortal, [o que] não abona muito a favor da sua inteligên-

cia» já que «tão natural é quereremos saber o que se passa nas nossas costas» (p. 97).

Como lugar-tenente do autor, Caim pasma diante do massacre ordenado por Moisés quando, não bastando «sodoma e gomorra arrasadas pelo fogo [...], no sopé do monte sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, três mil mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro» (p. 101). Diante de tanto sangue, o *alter-ego* bíblico do autor não compreende as contradições de Deus que o castigou por apenas uma morte: «quem vai castigar o senhor por estas mortes, pensou Caim» (*ibid.*). Estas contradições apontadas por Saramago encontram eco em Szondi quando afirma que, enquanto o homicida Caim é expulso da sua terra, Moisés, o outro homicida, é, pelo contrário, «elegido caudillo de su pueblo y profeta de su Dios».

É importante assinalar que o alvo da obra não é simplesmente Deus, mas os homens que O inventaram para manter o poder sobre os demais, situação comum a todos os tempos e lugares, independentemente de raça, etnia ou nação. A guerra e os saques em nome deste Deus são sempre «um negócio de primeira ordem» (p. 107), como se pode ver na repartição dos despojos obtidos na vitória dos israelitas sobre os madianitas, da qual o narrador deixa notícias e ironicamente «pede de antemão desculpas ao leitor pelos excessos de uma minúcia» (p.105) de que não é culpado. Ao filiar-se à linhagem de muitos pensadores modernos, entre os quais Nietzsche, Saramago denuncia a impostura de Deus lá onde nasce a sua palavra, vira do avesso o discurso bíblico e faz de Caim um sujeito ético em muitos aspectos, chegando a renegar uma prostituta ao sabê-la traidora no assalto de Josué a Jericó, palco de novas atrocidades cometidas *in nomine Dei*.

Caim procura sem cessar a significação da sua errância, que não está garantida num quadro prévio de interpretações, encontrando-a talvez no fim do romance. Antes disso, mantém vivíssimos diálogos com os anjos, com Deus e com Noé, em cenas farsescas ao sabor da *commedia dell'Arte* em que alusões desabonadoras do carácter de Deus (a inveja, o cinismo, a imodéstia) e do seu comportamento (as entradas e saídas enfatuadas) são a um só tempo motivo de riso e de crítica corrosiva. Os anjos são simpáticos, bons e solidários, como Azael que ajudou Adão e Eva e os que ajudam Caim em Us, mas muito adutores da autoridade divina.

No retorno ao tempo de Noé, Caim vê-se às vésperas do final dos tempos e contesta o princípio de navegabilidade da arca, apontando para o carácter fantasioso do texto bíblico que as pessoas aceitam por temor a Deus. A passagem lembramos o conto «Vicente», de Miguel Torga, quando a personagem de Noé contrasta comicamente com o diminuto corvo que resolutamente desafia o Senhor sob a tempestade do dilúvio.

Depois de testemunhar muitas sandices, o pessimismo é uma sombra que desce sobre o herói como alegoria do homem moderno diante da iminência de novos dilúvios que se avizinham sobre o planeta. No entanto, Caim de Saramago é da estirpe de João Mau Tempo, Baltasar Sete Sóis, Raimundo e muitos outros que sabem dizer *não*. O sinal de condenação e de protecção colocado por Deus na sua testa parece ser a marca da própria condição humana que continua a questionar o Senhor, tal como ele faz na inversão sacrílega (e anacrónica) do sermão do Filho de Deus: «Abençoados os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra» (p. 35).

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira